VOZ E VEZ: FALA E REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES NA IMPRENSA SINDICAL PARANAENSE

VOICE AND TIME: SPEECH AND REPRESENTATION OF WORKERS IN THE PRESS SINDICAL PARANAENSE

Alexsandro Teixeira Ribeiro¹

RESUMO: Na sociedade civil, a comunicação torna-se um importante instrumento de representatividade e de mobilização. A partir desta lógica aplicada ao setor sindical, um dos pilares de defesa dos trabalhadores na sociedade civil, o presente trabalho busca compreender qual a dimensão do trabalhador como ator na imprensa sindical. Ou seja, como ferramenta de potencialização de vozes e de luta por direito na sociedade, quem tem voz e vez nos jornais sindicais? A partir de análise de conteúdo aplicada aos jornais de entidades da capital paranaense, percebe-se que há um padrão institucional estabelecido no jornal. Como instrumentos de comunicação com posicionamentos mais institucionais e de representação da direção da entidade, os jornais analisados indicaram predominância da fala dos dirigentes institucionais como prioritários nos jornais. Ou seja, em suas fontes de informação e aparições, predominou a presença da direção da entidade e de fontes institucionais, sobretudo a presidencial, relegando a própria categoria à participação apenas na leitura, com poucas inserções de suas falas nos jornais. Isso denota que o veículo atende a uma posição que não reflete, necessariamente, a demanda da categoria, uma vez que esta não encontra nas páginas dos jornais uma forma de se manifestar.

Palavras-chave: Imprensa sindical. Representatividade. jornal sindical. Análise de conteúdo.

ABSTRACT: In civil society, communication becomes an important instrument of representation and mobilization. From this logic applied to the union sector, one of the pillars of defense of workers in civil society, the present work seeks to understand the

¹ Doutorando em sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bacharel em jornalismo pelo Centro Universitário Uninter. Alexsandrotribeiro@gmail.com.

dimension of the worker as an actor in the union press. In other words, as a tool for enhancing voices and fighting for rights in society, who has a voice in union newspapers? From the content analysis applied to the newspapers of entities in the capital of Paraná, it can be seen that there is an institutional pattern established in the newspaper. As communication instruments with more institutional positions and representation of the entity's management, the analyzed newspapers indicated a predominance of the speech of institutional leaders as a priority in the newspapers. In other words, in their sources of information and appearances, the presence of the entity's management and institutional sources predominated, especially the presidential one, relegating the category itself to participation only in reading, with few insertions of their speeches in the newspapers. This indicates that the vehicle serves a position that does not necessarily reflect the demand of the category, since it does not find a way to express itself in the pages of newspapers.

Keywords: Union press. Representativeness. union newspaper. Content analysis.

INTRODUÇÃO

Com mais de um século e meio de história, a luta sindical brasileira passou por diversas fases de atuação e representação: do anarcossindicalismo, influenciado por ideais de imigrantes europeus, passando por um sindicalismo partidário, sob atuação dos partidos e movimentos socialistas, e depois, como imprensa de resistência no Estado Novo e na Ditadura Militar (FERREIRA, 1988). Na década de 1990 até o início do século XXI o movimento sindical sofre um abalo com as políticas neoliberais. Nesta época, inicia-se a abertura de mercado para o capital estrangeiro, venda e privatização de empresas e bens públicos de setores sociais estratégicos, como o de telecomunicações, de energia, além de flexibilização dos direitos trabalhistas.

A publicação de jornais pelas entidades sindicais é prática que remonta ao início do movimento operário brasileiro. Outrora construído sobre o tripé – produzido pelo operário, sobre temas do operário e para o operário (FERREIRA, 1988, p.5), atualmente, a comunicação dos trabalhadores tem sido produzida por e sob o auxílio de profissionais da comunicação, dentre os quais os jornalistas. Dentre inúmeros materiais de divulgação e comunicação das ações sindicais, mesmo com o advento da internet e de meios de comunicação virtuais, o jornal é o mais conhecido, sendo que os temas que comportam são comumente relacionados às questões das categorias profissionais representadas pela entidade, como aumento salarial, anuênio, aposentadoria. “Enfim, seus direitos. O jornal do sindicato existe para falar sobre estes temas. Através deles abordar assuntos da política global e fazer a disputa ideológica” (SANTIAGO E GIANNOTTI, 1997, p. 47).

Apesar disso, o jornal de sindicato não necessariamente trata apenas de questões salariais ou trabalhistas, podendo também abordar temas culturais, de

educação, saúde, meio ambiente e sobre conjuntura política, no entanto, “com uma definição de classe clara e não escondida. Todos esses assuntos devem ser tratados sob a ótica dos interesses dos trabalhadores, que são seu público leitor” (SANTIAGO; GIANNOTTI, 1997, p.47). Portanto, o jornal dentro das entidades sindicais desempenha um papel de instrumento de posicionamento político que versa a visão de mundo defendida pela categoria.

Oras, desta forma, são assim os interesses dos trabalhadores, predominante não apenas nas definições dos conteúdos pautados pela imprensa, mas fundamentalmente nas opções de recortes de visões, de posições e de lado: o dos trabalhadores. Sob esses apontamentos e aspectos, a problemática que norteia este artigo é o da representatividade dos trabalhadores nas páginas dos jornais sindicais. Se este é não apenas o público, como um consumidor passivo, mas sim o foco das manifestações e, portanto, o dono da voz, de qual a representatividade deste trabalhador nos jornais sindicais? Para se observar tal problemática foi definido como corpus de análise jornais de seis entidades de representação dos trabalhadores de diferentes setores produtivos de Curitiba, publicados entre os anos 2013 e 2014.

JORNALISMO SINDICAL: UMA LÓGICA DE REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES

A imprensa dos trabalhadores está presente no movimento operário ao longo das mutações identitárias assumidas no país, partindo de um sindicalismo anarquista, influenciado pelos ideais dos imigrantes, passando por uma atuação partidária, no início do século XX, pela cooptação do Estado e pela ditadura militar, desembocando, às prévias da redemocratização brasileira, em um processo de profissionalização e abertura paulatina de espaço para atuação dos profissionais e jornalismo (FERREIRA, 1988; ARAÚJO 2009). Ou seja, o jornal, a imprensa e comunicação sindical, dentre as várias nomenclaturas e concepções, sofreram e sofrem ao longo da existência das entidades sindicais influências das trajetórias dos sindicatos. E isso se dá desde a origem do sindicato no Brasil, uma vez que a imprensa e comunicação nos sindicatos são tão antigos quanto às entidades. O jornal sindical como um instrumento das entidades na defesa pelos interesses dos trabalhadores é uma das expressões mais emblemáticas do cenário sindical trabalhista brasileiro.

Na imprensa sindical antes da década de 1970 não havia a figura do repórter enquanto profissional da notícia. A notícia procurava o jornal, ao invés de o jornal procurar a notícia. Para Ferreira, era “uma autêntica forma de comunicação participativa, verdadeira integração entre o emissor e o receptor, entre o jornal e o leitor”. Assim, todo proletário era um repórter em potencial, captando a notícia nos espaços laborais e levando para as redações dos sindicatos um material composto de

“relatórios dos sindicatos, cartas pessoais, denúncias etc” (FERREIRA, 1995 p.22). Durante a redemocratização do Brasil, a imprensa sindical, segundo Araújo, se firmaria num processo de profissionalização e modernização constante, que se estende até os dias atuais (ARAÚJO, 2009 p.35). Para Ferreira, a partir da redemocratização do País, se inicia uma terceira etapa da imprensa operária, com a reorganização dos trabalhadores e das entidades sindicais após o “desbaratamento sofrido pela sociedade civil no pós 64”. Seria a etapa que, segundo a pesquisadora, o movimento sindical vive atualmente, cuja imprensa corresponderia a uma “imprensa sindical propriamente dita” (FERREIRA, 1995 p.8).

As grandes greves desencadeadas entre 1978 e 1980 mostraram a vitalidade de uma “nova geração da classe trabalhadora e o aparecimento de uma nova liderança sindical” (1992 p.52). Ou seja, com o advento do novo sindicalismo o movimento sindical recupera o caráter aglutinador e de ampliação da classe trabalhadora e é a partir desse movimento pode-se extrair um das experiências mais relevantes de construção da democracia no Brasil, responsável pelo fortalecimento de estruturas representativas com capacidade de interferir nos processos decisórios mais amplos da sociedade. É nesse contexto que os jornais sindicais retomam o papel de agitação política, instrumento de mobilização e de conscientização. Aqui começamos a perceber o nascimento de um forte nicho do jornalismo, marcadamente engajado (MARTINS, 2001, p.44) Araújo e Cardoso defendem que a recuperação da resistência pós década de 1980 é reflexo da força sindical de outros tempos e pontuam a influência da imprensa sindical como cumpridora de um fundamental papel no processo de renovação do movimento sindical e da própria imprensa dos trabalhadores (ARAÚJO; CARDOSO, 1992 p.122).

Uma das características mais presentes nas abordagens teóricas que se aproximam da comunicação sindical, da imprensa sindical e do jornalismo sindical é o papel dos jornais sindicais como instrumento contra-hegemônico, como um contraponto aos veículos de comunicação de massa, pois, “se a opinião está cada vez mais bombardeada com informações que chegam de todos os lados, a opinião das bases também pode sofrer interferências a partir de comunicação sindical” (LANÇA, 2013 p.22). Ou seja, na medida em que a imprensa sindical busca dialogar com os trabalhadores, ela também se propõe a comunicar à sociedade, a disputar com os meios de comunicação de massa esse espaço de influência na esfera pública. Na condição de ator político, os sindicatos buscam apoio na sociedade para defesa de suas causas levando suas reivindicações e manifestações para a esfera pública, que é uma “importante fonte para reconhecer as demandas que, de outra forma, ficariam restritas e impossibilitadas de ascender como temas públicos” (FRANCISQUINI, 2008, p.10).

Na revisão da literatura sobre as abordagens da imprensa sindical, há uma predominância na interpretação instrumentalista dos meios de comunicação e jornalismo sindical, sendo apontado por alguns autores como “instrumento de luta e

resistência, com potencial para ser a voz e a vez de uma classe desprovida de direitos sociais (LAHNI; FUSER, 2004 p.3). Assim, “a comunicação sindical tem o objetivo de informar e veicular a política do sindicato. Mas isso é só uma etapa. O objetivo último é concreto: convencer e levar à ação” (SANTIAGO; GIANNOTTI, 1997, p.134).

A comunicação sindical atua junto ao direito à comunicação, portanto, possibilitando a participação política dos trabalhadores. Desta feita, cabe à comunicação sindical ressaltar o caráter contra-hegemônico de suas pautas e do seu modelo, caso contrário, para Ferreira, ao “reproduzir o modelo hegemônico da mídia massiva, contribuem para bloquear o direito à comunicação destes sujeitos” (2011, p.5). E a eficiência dessa comunicação se dá mais efetivamente na medida em que busca a presença significativa ante a sua base de atuação, diminuindo a periodicidade sem mudanças repentinas e temas e discursos que tenham relações com os trabalhadores “principalmente, no que tange à dimensão de seus múltiplos papéis sociais, numa era marcada por numerosas e distintas identidades que convivem num mesmo sujeito” (FERREIRA, 2011, p.12).

Reforça Rodrigues Netto (2013, p.4) que o jornalismo sindical é um jornalismo especializado, com um público-alvo específico, com interesses homogêneos, voltado não à busca de notícias gerais, de interesse público de forma geral, mas que esteja relacionado à sua esfera de vivência e atuação profissional. Desta forma, “situar o jornalismo sindical dentro do contexto de um jornalismo especializado é condição prévia para que o sindicato consiga manter uma comunicação que consiga mobilizar os trabalhadores de sua base levando-o à ação”.

A FORMA DE OBSERVAR O FENÔMENO

A perspectiva teórica jornalística adotada nas análises da presente pesquisa é a lançada por Groth, acerca do jornalismo enquanto obra cultural, entendendo cultura como “o conjunto das criações mentais humanas que cresce e muda continuamente. Assim, a ciência dos jornais é a ciência das obras culturais, é uma ‘ciência da cultura’” (GROTH, 2011, p.33). Para Groth, o homem estabelece valores com determinadas finalidades, ou seja, o pensar e agir humano corresponde à busca de determinados fins. Da mesma forma são suas obras culturais, construídas “por eles com um sentido, de tal maneira que a obra seja de fato apenas considerada como apropriada para satisfazer as suas necessidades corporais e intelectuais” (GROTH, 2011, p.34).

Assim, em tese, pode-se adotar a perspectiva na análise jornalística das ações sociais envolvidas no empreendimento cultural cujo objetivo é atender uma certa interação ou orientação, tendo em vista o jornalismo enquanto um modelador da mente do homem, determinando a direção do pensamento e do “querer de amplas camadas sociais”, com um influência “que se espalha por todas as áreas da vida”

(GROTH, 2011, p.31). Sob a perspectiva do jornalismo enquanto obra cultural, propõe-se buscar uma metodologia que auxilie na análise e interpretações das características do jornalismo sindical. Isso, obviamente, tendo em vista o que afirma Groth quanto ao método da Ciência dos Jornais, sobre uma metodologia que contemple o objeto sem buscar aquilo que não lhe seja concernente à sua essência. A postura metodológica adotada na pesquisa parte do pressuposto de que busca-se contemplar aquilo que está no produto, nas manifestações da periodicidade do jornalismo que foca na singularidade do trabalho. Busca-se, portanto, o jornalismo nas páginas dos jornais da imprensa sindical e não outras manifestações de outros campos do conhecimento.

Como o foco é observar a forma de aparição das fontes de informação com foco em identificar a representatividade da classe dos trabalhadores, procurou-se colocar como evidência o conteúdo da obra jornalística. Ou seja, usamos um método de coleta e de análise que problematiza o conteúdo a partir de categorizações e a identificação reincidente de determinadas categorias. Desta forma, a análise se apropria do cabedal preconizado por Bardin em análise de conteúdo (2011). De posse de tais ferramentas, foram analisadas as publicações de seis entidades sindicais de representação dos trabalhadores dos mais variados setores de atuação profissional veiculadas entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. Como parâmetros de definição do corpus de análise, em primeiro lugar, foram definidas entidades cujas publicações a serem analisadas fossem de responsabilidade técnica de profissionais de jornalismo. Uma vez que uma das preocupações da pesquisa é ressaltar o campo do jornalismo, é fundamental ter como determinante a participação e atuação profissional de jornalistas diplomados.

Na procura de um modelo de análise das publicações, devem “ser levados em conta no momento da escolha: a abrangência que se quer observar em determinado meio, o momento histórico a ser analisado, o nível de profundidade de um determinado assunto” (SILVA, 2012, p.55). Em síntese, as entidades foram definidas dentre um universo de sindicatos de trabalhadores com abrangência paranaense, com publicações impressas periódicas sob responsabilidade e produção por jornalistas profissionais. As entidades definidas, bem como os títulos de suas publicações, são: jornal 30 de agosto, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); Folha Bancária, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; A Voz do Metalúrgico, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; Extra-Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná (Sindijor); Pressão Alta, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindisaúde) e Jornal do Sismuc, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba.

Se a proposta metodológica e a problemática da pesquisa anuncia a busca por um padrão que se repita nas manifestações e indique características que vão além das plataformas, foram focados métodos que possibilitam ver esses padrões/repetições tanto em questões quantitativas, quanto identificar nuances e relações qualitativas das

frequências. Para tanto, recorreu-se a um ferramental que possibilitou quantificar e qualificar o conteúdo veiculado pelos jornais sindicais. Para observar quem fala no jornal, foram definidas as subcategorias da categoria “fontes”, sendo elas : Sindicato: contabiliza como fontes a autorreferência da entidade no texto; Direção do sindicato: todo o corpo diretivo do sindicato, como cargos de presidência, conselho fiscal; Políticos: aparição de membros do poder executivo e legislativo; Judiciário: membros do poder judiciário; Centrais Sindicais: indicação de membros ou da instituição; Movimentos sociais: referências às centrais; Trabalhadores: integrantes da classe dos trabalhadores; Assessoria: aparições das assessorias técnicas das entidades, como assessoria jurídica, de imprensa, econômica etc.

Ao idealizar a categoria anterior – “fontes” –, em que se identificaria o ator da aparição, tornou-se evidente a necessidade de identificar a forma de aparição dos atores no texto. Afinal, não é comparável quantitativamente uma fonte que é chamada a falar diretamente no texto por outra que é mencionada. Carece aqui, portanto, de um elemento qualificador de status da fonte. Para tanto, junto às fontes e suas subcategorias, foram qualificados como voz direta, voz indireta, menção: Voz direta: aparição de fontes com direito a voz com ação direta no texto, com falas entre aspas; Voz Indireta: aparição de fontes com voz mencionada ou com ação de voz anunciada no texto, no entanto, sem falas entre aspas; Menção: indicação do nome ou cargo na narrativa textual. Mesmo com o caráter do status agregado às subcategorias da categoria “fontes”, foi ainda adicionado outro elemento qualitativo às subcategorias, relativas a interpretação da forma como é inserida no texto, ou seja, se a fonte e sua aparição é, junto à narrativa, interpretada como positiva, negativa e neutra.

VOZES SILENCIADAS: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FONTE NOS JORNAIS SINDICAIS

Na retomada da literatura sobre a imprensa e jornalismo sindical, uma característica evidente e cara ao veículo como arena de luta é a representação e abertura de espaço para a expressão dos trabalhadores, público-alvo das publicações das entidades sindicais. Desta forma, a contabilização e qualificação das aparições de falas podem apontar quem são os falantes na imprensa sindical, ou seja, quem é qualificado pela entidade e pelo jornalismo sindical a determinar as orientações ou subsidiar os trabalhadores leitores do jornal do sindicato nas análises acerca das temáticas abordadas pela entidade em suas publicações. Para tanto, chegou-se a necessidade de se olhar para quem são os atores que se apresentam ou que são apresentados nas páginas dos jornais sindicais.

Na leitura das 108 edições dos jornais sindicais escolhidos, procuramos mapear e identificar todas as fontes citadas e que tiveram vozes nos jornais seguindo as marcações definidas na idealização da metodologia: Sindicato, Direção do Sindicato,

Políticos, Judiciário, Centrais Sindicais, Movimentos sociais e demais sindicatos, Empresa, Governo, Trabalhadores e Assessoria. Juto às aparições, foram vinculadas as características de forma de inclusão das fontes, ou seja, se elas foram citadas ou mencionadas nos textos ou se tiveram ação dentro das narrativas; indiretas, quando suas falas são citadas dentro da narrativa jornalística; ou diretas, quando suas falas são reproduzidas integralmente nos textos entre aspas. Sabe-se, assim, quem são chamados a falar e quem são mencionados. Tais qualificações agregadas às inclusões nos textos permitem analisar de que forma as fontes são inseridas nas publicações, se apenas indicadas ou se desempenham um papel fundamental na formação da opinião na imprensa sindical, com a reprodução integral de suas falas, orientações e ideologias nas páginas dos jornais sindicais.

Na averiguação das indicações por citação (Figura 1), quantitativamente, os sindicatos estão na linha de frente das aparições de fonte, com 25%. Em seguida, estão as empresas, com cerca de 16% das inserções, seguida de movimentos sociais com 11% e governo e direção do sindicato, ambos com 10%. Os percentuais foram calculados tendo como base um universo de 2.093 inserções de fontes citadas, dentre as quais classificam numericamente como: 24 assessoria; 114 centrais sindicais; 85 demais; 129 direção do sindicato; 364 empresas; 329 governo; 98 judiciário; 155 movimentos sociais; 183 políticos; 421 sindicato e 191 trabalhadores.

Figura 1 - Recorte da análise dos seis jornais por fonte (Citação - 2013/2014)

Fonte: O autor, 2015.

Na somatória das citações (Figura 1), percebe-se uma predominância da entidade como citada. No entanto, são as empresas que aparecem em segundo lugar nas citações. A aparição é superior ao da diretoria da entidade. Se somado ao governo, que se comporta como empregador para as categorias de três das seis entidades – Sismuc, APP Sindicato e Sindsaúde – e parcialmente para categoria bancária – Sindicato dos Bancários –, os empregadores assumem a liderança nas citações ante a diretoria da entidade em mais do dobro das citações.

A participação do patronato nos jornais, no entanto, é restrita às citações, ou seja, são apenas mencionados no texto como o lado oposto da luta sindical. Em *A Voz do Metalúrgico*, devido ao grande número de empresas de automação, montadoras, que participam de negociações específicas com o Sindicato dos Metalúrgicos, há grande citação das empresas na amostragem sendo a principal fonte citada. Obviamente isso não se repete nas demais formas de aparição nos jornais da entidade. No entanto, é na qualificação e na contagem e análise dos demais tipos de aparições que se apresenta um quadro geral e mais amplo das falas.

Ressalta-se que as empresas não aparecem como predominantes nas demais formas de inserção no texto. Ou seja, não é patente nas páginas do jornal do Sindicato dos Metalúrgicos o direito ao contraditório, à participação da empresa na defesa por conta própria de seu posicionamento, com a inserção da fala, tanto de forma direta quanto indireta. Esse aspecto da imprensa apresentar os fatos segundo o ponto de vista e ideologia da entidade e dos trabalhadores consta na pesquisa da pesquisa, apontada por vários autores que se debruçaram sobre a imprensa sindical (LAHNI E FUSER, 2004; GIANNOTTI E SANTIAGO, 1997; FRANZIN, 2007; FERREIRA, 1988; FERREIRA, 1995; VERDELHO, 1986; MOMESSO, 1997; VIEIRA, 1996).

Por outro lado, supõe-se que o jornalismo sindical, ao apresentar as informações sob a ótica dos trabalhadores, contemple as falas e posicionamentos dos integrantes da classe trabalhadora e da categoria representada pela entidade sindical. Para identificar tal participação de vozes da imprensa dos sindicatos analisados, partiu-se para as indicações ativas, que seriam as diretas e indiretas. O primeiro lugar isolado nas aparições ativas indiretas (Figura 2), ou seja, 109 naquelas indicações de vozes apontadas no texto sem as aspas, é da própria entidade sindical, com 45% das aparições indiretas. Isso se dá pela aparição da instituição como nas ações informativas apontadas em boa parte das notícias, como detentora de opinião, como instituição, e responsável pela aglutinação da categoria e realização de diversos eventos e mobilizações. A aparição torna-se mais evidente em jornais com menor pluralidade de fontes, em que os textos apresentam a narrativa como integrante da própria entidade. O percentual foi calculado tendo com base 295 inserções indiretas de fontes, das quais, individualmente, contabilizam-se: 12 de assessoria; 13 centrais sindicais; 10 demais; 38 direção do sindicato; 12 empresa; 26 governo; 16 judiciário; 16 movimentos sociais; 17 políticos; 107 sindicatos e 28 trabalhadores.

Figura 2 - Recorte da análise de todas edições por aparição por fonte (Indireta 2013/2014).

O quadro de redução de fala da diretoria é revertido nas citações diretas (Figura 3) no quadro geral, ou seja, de todas as publicações dos sindicatos. No levantamento das indicações de falas diretas, ou seja, com direito à voz ativa nos textos, é possível perceber que a direção é quem detém o poder de fala direta nas publicações dos sindicatos, ocupando mais da metade das aspas contidas nas publicações, num percentual longe de ser alcançado por qualquer outra fonte indicada nos jornais. A direção da entidade é detentora da fala direta apresentada nas edições dos jornais em mais de 50% das aparições, ou seja, em 489 das aparições diretas de fontes, sendo as demais contabilizadas em: 35 assessoria; 57 centrais sindicais; 68 demais; 4 empresas; 33 governo; 14 judiciário; 68 movimentos sociais; 40 políticos; 16 sindicato e 91 trabalhadores. A característica da imprensa sindical de se consolidar em um espaço de representação do trabalhadores, conforme apontado pela pesquisa da pesquisa, com sua participação na produção da notícia e como repercutidora e potencializadora de suas falas torna-se numericamente, no período e entidades analisados, num espaço de fala institucionalizada da direção da entidade, que se faz não apenas representante às substitutas da fala da categoria.

Figura 3 - Recorte da análise dos seis jornais por aparição por fonte (Direta, período 2013/2014)

Fonte: O autor, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo no meio sindical vem se consolidando ao longo das últimas décadas como espaço profissional em crescimento para os jornalistas. Uma imprensa que outrora era produzida pela direção da entidade, hoje cada vez mais tem em suas redações profissionais especializados no meio. Sensível às alterações e mutações do movimento sindical, a comunicação realizada pelas entidades de representação dos trabalhadores é diretamente impactada pelas mudanças de estrutura, ideais e identidades do movimento sindical desde a sua origem no país. Com a profissionalização no setor de comunicação não seria diferente. A postura dos jornais e a qualidade gráfica e de apuração de informação altera-se drasticamente com o aumento de jornalistas que se dedicam ao meio sindical. Além do surgimento de novos títulos, a inserção de profissionais que antes estavam em redações da mídia convencional ou que vieram das universidades com formação específica de jornalismo, forneceu um aspecto mais profissional à produção dos jornais e revistas das entidades sindicais.

Textos com estrutura similar aos de jornais e revistas da mídia convencional, apelo visual melhorado com diagramação mais arrojada, menos pesada, com uso de avançadas tecnologias de editoração e de impressão, são alguns dos elementos que nitidamente sofreram alterações com a profissionalização do setor de comunicação sindical. Ocorre que não apenas a parte técnica influenciou alterações no perfil da imprensa sindical, mas também a politização e o posicionamento político-ideológico dos produtores de conteúdo dos jornais.

Se antes a imprensa sindical, pontuada pelo autores que outrora pesquisaram o tema, como um espaço de discussão e visibilidade de temas não abordados na mídia convencional e hegemônica, como ferramenta ideológica dos trabalhadores na luta pelos seus direitos, e como espaço de formação política dos trabalhadores. No entanto, uma análise nos jornais de seis entidades sindicais de Curitiba publicados entre 2013 e 2014, quais sejam: Jornal 30 de Agosto, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); Folha Bancária, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; A Voz do Metalúrgico, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; Extra-Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor); Pressão Alta, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindsaúde) e Jornal do Sismuc, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba; indicou, sob a perspectiva de análise de conteúdo adotado na atual pesquisa, algumas posturas que confrontam as características da imprensa sindical indicada pela pesquisa da pesquisa.

Como instrumentos de comunicação com posicionamentos mais institucionais e de representação da direção da entidade, os jornais analisados indicaram predominância da fala dos dirigentes institucionais como prioritários nos jornais. Ou seja, em suas fontes de informação e aparições, predominou a presença da direção da entidade e de fontes institucionais, sobretudo a presidencial, relegando a própria categoria à participação apenas na leitura, com poucas inserções de suas falas nos jornais. Isso denota que o veículo atende a uma posição que não reflete, necessariamente, a demanda da categoria, uma vez que esta não encontra nas páginas dos jornais uma forma de se manifestar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e Desigualdade Social na Reestruturação Capitalista: um balanço da “década neoliberal” no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, São Luis, v. 7, n. 2, p. 7-38, jul./dez, 2003

ARAÚJO, Vladimir Caleffi. **O jornalismo de informação sindical: atores e práticas de uma forma de produção jornalística**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ARAÚJO, Silvia; CARDOSO, Alcina. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: UFPR, 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BOITO JR., Armando. **Política neoliberal e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Xamã Editora, 1999

CASTRO, Cosete ; BENEVENUTO JÚNIOR, Álvaro. **A comunicação dos trabalhadores nos últimos 25 anos** - uma análise necessária. *Redes.com* (Sevilla), Sevilla - Espanha, v. 0, p. 337-348, 2005.

CORRÊA, Moysés Chernichiarro. **Sindicalismo e comunicação**. São Paulo: Livro Pronto, 2006

COSTA, Claudia. **Comunicação sindical no Brasil**: breve resgate e desafios. São Paulo: Sundermann, 2010.

FERRAZ, Marcos Alexandre dos Santos. **Jornalismo nos sindicatos: da prática à abstração da ação social**. 2000. 101 f. Dissertação de mestrado em Sociologia das Organizações – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UPFR. 2000.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FRANZIN, João. **Imprensa Sindical**: Comunicação que organiza. São Paulo: Agência de Comunicação Sindical, 2007.

GIANNOTI, Vito, SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação Sindical**: falando para milhões. Petrópolis: Vozes, 1997

LAHNI, Cláudia; FUSER, Bruno. A ausência do trabalhador na imprensa sindical de Campinas e de Juiz de Fora. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8175500381220403445874650644469862368.pdf>>

MARTINS, Jaqueline Lemos. **Jornalismo sindical**: concepções e práticas: a notícia na Folha Bancária e na Tribuna Metalúrgica. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo – ECA-USP, 2001.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Imprensa sindical: conquistas, impasses e desafios no contexto da disputa pela hegemonia. **IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina**, 2010, Londrina/PR. Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2010.

MOMESSO, Luiz. **Comunicação sindical**: limites, contradições, perspectivas. Recife: Editora Universitária UFPR, 1997.

QUEIROZ, Antônio Augusto de. **Movimento Sindical**: passado, presente e futuro. Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, DIAP. Brasília, 2012

SILVA, André Luis Corrêa. **João Ferrador na República de São Bernardo**: o impacto do novo movimento sindical no ABC Paulista no processo de transição democrática (1977-1980). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto. Alegre UFGRS, 2009. Disponível em
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7748/000555451.pdf?sequence=1>> Acesso em: 5 de junho de 2015.

SINDIJOR. Editorial – **Um marco na imprensa sindical paranaense**. Jornal Extra-Classe, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Sindijor. Maio de 2013.

VERDELHO, Valdecí. **A nova imprensa sindical**. In: FESTA, Regina; e SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

VIEIRA, Toni André Scharlau. **Comunicação sindical**: proposta de uma política para as entidades.